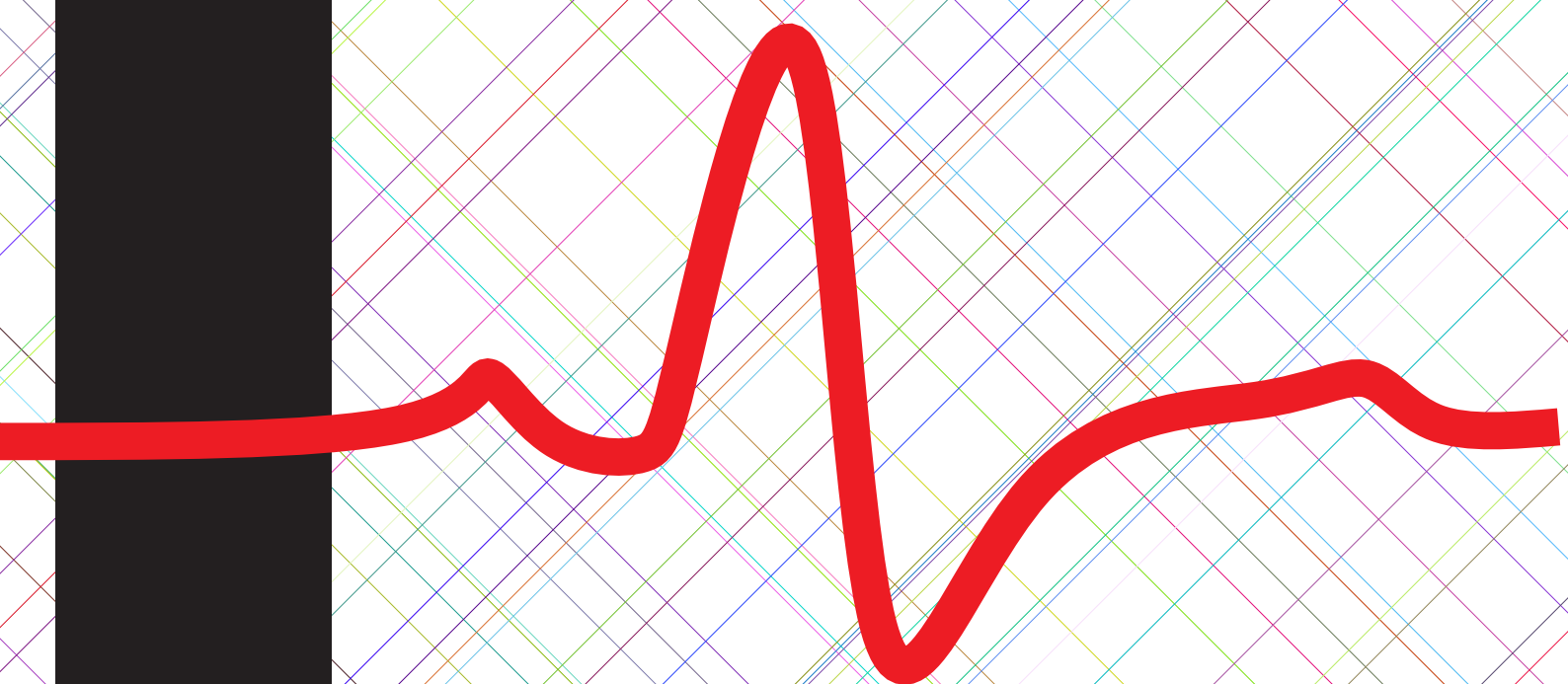


pulso metrômano

osvaldo fernandes



burburinho

Conturbando nas veias, Burburinhos
de uma nascente lânguida e pulsante
me sobem álveos vis, incinerantes
que queimam toda tez pelo caminho...

Num ouriçar, os pelos fumegantes
respondem pelo toque do carinho:
se juntam, como se formassem ninho;
se livram, como fios volitantes!

Este queimor que sobe esbaforido
doença é. Antepassadas crenças
nos viria afirmar: – É sã doença!
Mas que sadio peito se há dorido?

Aperta à morte, gela-me as artérias
quando vai-se e à nascente não volteia!
Meus pelos num palor, não titubeiam;
Mi'a voz se enterra inteira na traquéia!

Que se ondeia, queimoso, nos caminhos
do amolentado corpo empedernido
e vem do coração – é bem sabido!
Mas inda não lhe sei, meu Burburinho!...

– Ó Burburinho! O que és, só desdita?
(porque tão viciado, és, no palor?...)
E ele me diz: – Sou frêmito do amor!
E eu lhe esbravejo: – Ô doença maldita!



deixar-se ir

Fosses, então, caminho do desejo.

O passo. A porta.

A mão. O ensejo...

Fosses! Quiseste-te só linha torta!

Bateste atrás! Fechaste o coração!

A porta. O passo.

O ensejo. A mão.

Um ribombo de pulsação no espaço!...

Deixaste a fresta, permitiste o laço.

A luz na porta.

O coração tão lasso...

Vergonha morta.

Rés espaços na Aorta:

A fresta. O ensejo. A porta. A mão e o passo...



natureza imponente

Num choque, a Natureza me abraçou.
Na brasa exagerou-me tua ternura
Do toque, o seu mais favo, me queimou.
Num choro – o menos vil – mi'a afogadura...

A brisa traz de beijo eterno açoite
e vai-se quando ao meu hálito furta:
quer espalhá-lo onipresente em noites
pra rir quando na pele, um pêlo surta!...

Se eu fosse uma energia, um ser de luz
que do Tudo me pusesse de parte,
nem ínfimo seria, ou noctiluz,
talvez, mesmo assim, nunca a fosse parte...

Tudo, vejo, é muitíssimo imponente:
a luz, o espaço, o vento, o abraço, o choque,
o Nada, o Metafísico na mente,
na cor, no som, na vida, beijo ou toque!...

Mas eis que nada mais pode ser tanto
onipotente do que a própria Morte.
Amá-la como a vida é minha sorte;
Não tê-la conhecido é meu quebranto!

Perder a vida é se perder do findo!
É finalmente se encontrar superno:
a vida não é nada, o fim que é lindo
pois tudo mais que a Natureza é eterno...



solitario negro

À noite, quando todos adormecem
e hei ínfimo e único em mim mesmo,
um astro como trespassasse a esmo
num eterno vazio, me estremece.

A Morte se me punge o pensamento
– o mesmo, no silêncio das respostas,
lhe tem como afeição – e é pressuposta
a cessação dos meus questionamentos.

Alvejo os céus, enquanto inerte às mãos
um revólver, o ardil, se refestela
dum solitário negro que me irrompe...

À cabeça o dirijo – à escuridão! –
no céu, brilha um cometa e me congela;
um telefone toca e me interrompe...



entre chuvas e ninos

Lá fora a chuva tenra nos ninava.
Em nosso leito, mais de ti sentia
O teu sorriso, a tua alegria!
Adormecias. Teu sonho eu sonhava.

Sonhava! E em teu cabelo agrisalhava
O negro jovial que amei um dia,
Lembrava que fitando-te eu sorria,
E quanto mais sorrindo, eu te lembrava...

Tudo se foi! Mas quando a chuva canta
Mesmo que solitário no meu leito
Uma lembrança indene se agiganta:

O meu sorriso mágico e um nino;
A alvura das madeixas no meu peito;
O dia cinza. O amor. Tu... e um menino....



das quantidades

Pois quando então sentires teu espaço
taciturno e sombrio
estica o braço, e tudo que houver dentro
será menos vazio:

Alonga estes teus braços! Vai a oeste!
Vai a leste também!
E deixa que eles errem no infinito
para o além do além.

Transpassa o horizonte, o azul, as pretas
matérias dos espaços!
Dedilha, por Andrômeda, planetas
dedica-os teus abraços!

Distende! Deixa o toque vigoroso
sentir o que inexistente...
E perde-te no desconhecimento
daquilo que te existe.

Volta! Vem escrever dos inescritos
e não sabidos astros.
E considera a ti nos teus escritos:
te reconhece vasto!

Volta contigo dentro. Traz também
o braço longo e estranho,
a pequenez, e tu, como voltasse
para o mesmo tamanho...



do novo brilho

Quero contar do brilho de improviso:
o mais puro e o mais liso; dos reflexos
nos olhos e na boca, desconexos,
cristalizados pelo teu sorriso...

Quero contar das asas, do voo,
de ser o mais liberto e se perder
no aroma de uma flor azul-bebê,
que brota ao ar, esguio de desejo...

Eu sei falar das flores mas da Flor
eis a verdade: eu prefiro cheirá-la;
roubar dos olhos tenros que apunhala
de forma lacerante, um novo amor.

Eu sei falar das luzes de um olhar:
improviso sutil duma paixão;
mas quero só mirar-te o coração
que a tudo sente e fala... sem calar..

*(E meus olhos, então,
perdido aos teus
que é céu, te refletir,
brilhar, brilhar...)*



o que me és

És para mim, como num céu viçando
suas luas que me banham comichosas
a quinta fase: escura e luminosa;
amorfa, sensual, sem onde ou quando.

És mais do que pra mim: sou eu sanando
ao ritmo musical de mil felosas
que aterrissam cantando sobre as rosas;
os ninhos; sob a lua, afim, cantando...

És para mim, e inteiramente és
tal como a terça parte do equilíbrio;
um corpanzil plumoso de um anfíbio;
o céu telúrico onde eu calco os pés!

Tu és(!), mas só pra mim – pobre poeta
régulo excelso das terras do bardo
parido em flor, mas do Lácio bastardo –
a transcrição a que cultua o esteta!

Tu és a impressão imaginária
porque te vais ainda que não vás;
porque me ficas mais do que estarás
nas minhas noites mais que solitárias...

Em qualquer tempo tu és o meu luar!
Não mínguas, não és cheia, não és nova,
Mas enquanto houver céus, haverá a prova
crescente que no anil há mais do que há!



cidade da memória

Saudade! Nostalgia! Solavancos
no trem desta memória vou sentindo.
Na próxima estação, desço sorrindo,
e vou seguindo até a Rio Branco.

Revejo a Candelária, prédios, bancos
e a imagem se me vem, reproduzindo
o mais forte torpor de amor! E vindo
junto, o mesmo torpor forte, no tranco.

Um tempo insano! Tempo em que era amado!
Agora, brumas, nostalgia lassa!
Saco do peito o último amassado...

A baforada me revolve à praça;
o delírio se perde no passado
e a sanidade vai-se co'a fumaça...



o filho destraldado

(a adelar de carli)

Como bexiga subindo
Cheia de sonho e de fé
Uma força repelindo
A gravidade, a mil pés...

Preso, pregado e pregando
As nuvens belas, sortidas
Suavemente mostrando
Cedo este céu de pós-vida.

Um pulo no paraíso.
E a pregação que perdura:
Morte após vida, um sorriso
Vem enfeitando as alturas.

Uma luz forte, um farol
Brilha nos dentes - sucede
Requeima em calor do sol
mas de sorrir não o impede.

– Saia da Terra, meu filho!
A voz do Pai lhe conduz.
Solto pelo ar, andarilho
ia-se o anjo... pra luz...



das dores que bailam

Uma mulata! É como adentro sinto:
as dores vão sambando pelo corpo
e quando param de dançar pressinto
que no próximo mês estarei morto...

O samba vai tocando e então absorto
esqueço até da dor (será que minto?),
mas volta a ressoar um bumbo torto
que já volta a apagar com vinho tinto!

O álcool no salão embaça a dama.
As dores somem, mas acabo imundo,
embriagado e sujo em minha cama...

— Quem tanta dor aguenta? Como pode?
Nem isto importa quando ouço lá fundo
setenta mil bandinhas de pagode...



ondas da liberdade

Quando elas vão
são quando vêm
completa o vão
vão-se também...

Quando elas vêm
vem junto e são
o mar também
às minhas mãos...

É quando sem
fechar as mãos
que o mar de alguém
completa o vão...

Mas quando vão
e não mais vêm:
meu coração
vai-se também...

No mar de quem?
Eu não sei não
só sei, faz bem
libertação..



maldição

Amaldiçoado a nunca mais ser visto,
passei por ela...
Passei em vão!
Passei como querela e viração...

Uivando pelas folhas coexisto:
passo, se não
passar, por ela,
somente a maldição se refestela...

Tornado o Grande Áquilo, fui vento
mesmo sem mão
toquei naquela
que do meu coração teve tutela...

Nunca pensei que só num pensamento
passar por ela
qual furacão
jamais dela eu seria... Maldição!...



dar a luz

Eis-me contigo, calmo e sinérgico
deitado no alvacento fumo denso.
Leveiro e positivo eu te convenço
a ter comigo um campo magnético!

Há choque, e deste encontro tornam tensos
a pressão e o calor de ungir frenético.
Escrito em boletim pluviométrico:
nossos suores juntos e hipertensos...

Entre água, gotas, cristais e granizos
na cama e acima, em gozo, eletroliso;
um gemido ribomba: eis o trovejo!

Descarregada a tensão desta pilha
eis que sai de nós dois qual fosse filha
a inata e plena luz do relampejo!



o clique

O clique que persigo – a minha ânsia:
massagem de mil flores num calcar
broham-se no infinito. Há esta distância
que nunca no meu passo hei de explorar!...

Atroa o coração, me atroa os pés.
A alma já se foi. O corpo é fátuo.
Entre o ser e o não-ser a carne e a fé
Esfumarão meus andejos sensatos!

O Azul d'outrora – lumens desconexos –
Hão de habitar o vão dum eu que-fui.
Num eu que-sou se incidirão reflexos,
no Azul distante que das trevas frui!...

Meu clique, foice ardente semeando
flores nas pedras, gumes n'ar zunindo.
A Morte e a Vida, moles, copulando
No gozo, espinhos de ferro surgindo!...

Os calco ainda assim, é minha andança!
O clique estoura em big bang's de sangue!
Distante eu já vislumbro a besta, a ânsia;
de perto ela me engole e caio exangue!...



alguns destes poemas podem ser encontrados em:

<http://literossapiens.blogspot.com>

Oswaldo Fernandes tem 29 anos e é fisioterapeuta, tradutor e analista de sistemas. Nasceu em Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro onde vive até então. Para mais informações, entre em contato: nyrleon@hotmail.com

